

# **A EVANGELIZAÇÃO CONTEXTUAL A PARTIR DA VOCAÇÃO RELIGIOSA DO POVO BRASILEIRO**

**Sidney de Moraes Sanches<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

Este artigo pergunta pelas origens da vocação religiosa do Povo brasileiro, a qual oferece um rosto particular ao Cristianismo aqui praticado. Ele observa a legitimidade dos movimentos pentecostais recentes, a partir da sua identificação com esta vocação religiosa. Por fim, propõe a evangelização contextual a partir da vocação religiosa do Povo brasileiro, desde que devidamente considerada a partir de uma reflexão bíblica e teológica consistente.

Palavras chave: religiosidade; povo brasileiro; pentecostalismos recentes; evangelização contextual.

## **INTRODUÇÃO**

No tempo em que fazia o Mestrado em Missiologia, me impressionaram as respostas de fé diretas, espontâneas e mais imediatas do povo brasileiro às questões da vida, não mediadas pela reflexão doutrinária e pela igreja institucional; a generalizada impressão de que Jesus e seus seguidores praticaram algum tipo de religiosidade popular judaica; as mani-

---

<sup>1</sup> Sidney de Moraes Sanches, é Doutor em Teologia, e Professor e Coordenador da Pós-Graduação lato sensu, na Faculdade Teológica SulAmericana, em Londrina - PR. E-mail: sidney-sanches@uol.com.br.

festações religiosas no Brasil, inclusive as evangélicas, expressam um sentimento religioso autêntico que reflete determinada experiência de fé cristã do povo brasileiro.

Este sentimento religioso me pareceu uma vocação do povo brasileiro para a religiosidade. Esta vocação não é uniforme. Ela se manifesta em inúmeras tradições religiosas. Estas se constituem crenças e práticas diversificadas, oriundas de vários contextos religiosos, não necessariamente apoiados em alguma doutrina ou instituição religiosa oficial.

Esta vocação religiosa do Povo brasileiro oferece uma identidade específica, um rosto brasileiro à religião cristã que aqui se pratica. Por causa disto, ela é mais afeita e mais diretamente acessível à evangelização contextual, tese simpática vinculada à missão integral, que busca a identificação e recepção do Evangelho e o contexto do evangelizado.

Na primeira parte, conta-se a vocação para a religiosidade, do povo brasileiro, através de um breve percurso que começa com a chegada e implantação do Catolicismo português em meio a populações indígenas e africanas. Comum, a estas tradições religiosas, era a crença no entrelaçamento do divino e humano em uma realidade impregnada pela presença de um mundo espiritual, em meio à fantástica realidade natural que cercava esses povos no território brasileiro. Estas tradições religiosas se aproximaram umas das outras construindo um verdadeiro rosto brasileiro a partir da matriz religiosa cristã.

Na segunda parte, demonstra-se como esta matriz religiosa cristã apresenta sua expressão protestante nos movimentos pentecostais recentes, que sugerem ser possível uma evangelização integral do povo brasileiro.

Neste momento, é importante uma observação. O conteúdo dos Capítulos Dois a Três é de natureza bastante introdutória. Pretende apenas declarar o que se observa do ponto de vista de quem escreve. Por isso a ausência de referências aos estudos especializados no assunto.

O objetivo da narração é conduzir para a terceira parte, na qual se labora sobre a proposta de uma evangelização integral desde a matriz religiosa cristã do povo brasileiro. Sugere-se uma prática evangelizadora evangélica do povo brasileiro, complementar e alternativa àquela praticada até o momento, que considere a vocação religiosa do povo brasileiro com simpatia e seriedade. Ela pede por uma evangelização contextual e integral, valorizando o diálogo e a identidade, antes que a negação e ruptura com esta vocação religiosa.

## **1 A VOCAÇÃO RELIGIOSA DO POVO BRASILEIRO: CRISTÃ E SINCRÉTICA**

Religiosidade diz respeito ao interesse e à participação das pessoas em atividades religiosas. Normalmente, qualquer pessoa sabe quando está envolvida em alguma dessas atividades, isto é, é comum saber quando se está sendo religioso ou não.

Comumente, a religiosidade está ligada a certa religião e cada uma delas tem suas formas e meios de envolvimento dos participantes. O fato de uma pessoa ser mais ou menos religiosa depende, portanto, do grau de envolvimento e da frequência de participação nas atividades de determinada religião. Nem sempre essa participação requer o compromisso da pessoa com alguma confissão ou pertença religiosa, apenas que a pessoa cumpra as diversas etapas da prática religiosa, também chamada de ritual. Contudo, é muito fácil, ainda que nem sempre, identificar a pertença religiosa de alguém pelo envolvimento nas práticas que identificam determinada religião. É assim que alguém é católico, protestante, pentecostal.

O Catolicismo português é a tradição religiosa original do povo brasileiro, por vários motivos: foi a primeira religião a entrar em contato

com os grupos indígenas que residiam na América ao tempo da chegada dos colonizadores portugueses; foi a religião dos colonizadores portugueses que a implantaram no Brasil sob o trabalho de incontáveis missionários e à força de sua espada, e, ainda é a religião da maioria dos brasileiros, ainda que decrescente a cada ano.

O Catolicismo português trouxe as marcas da religiosidade praticada pelos camponeses ibéricos, que incorporaram ao seu catolicismo as crenças medievais em um mundo recheado de espíritos, bons e maus, com os quais cooperar ou rejeitar. Essas crenças produziam práticas que nem sempre eram apoiadas na doutrina católica oficial. Esta seria ensinada somente mais tarde pela hierarquia católica vinda para organizar o Catolicismo no Brasil.

O catolicismo dos colonizadores portugueses, distante do domínio da hierarquia católica e influenciado, ou sob a permissão, de muitos sacerdotes e padres, fez contato com a religiosidade indígena do novo território, no qual se aproximaram ambas as religiosidades.

Mais tarde, as levas de escravos, vindas do continente africano, acrescentaram novo elemento de aproximação à mescla religiosa já existente no território a ser colonizado, ampliando as possibilidades desta religiosidade. Esta se tornou mais densa, produzindo um imaginário religioso peculiarmente brasileiro.

O movimento religioso seguinte a se instalar no meio do povo brasileiro, há menos de 150 anos, é o Protestantismo. Oriundo do estrangeiro, como os movimentos anteriores, exceto indígena, suas igrejas começaram a se tornar independentes, ou nacionais, somente na segunda metade do século 20.

Este processo foi acelerado pela adesão de igrejas inteiras, ou partes delas, aos chamados movimentos de avivamento ou renovação espiritual, nas décadas de 1950 e 1960. Ao se afastarem das representações religiosas ligadas às antigas igrejas protestantes, estabelecidas segundo o

modelo estrangeiro, elas se tornaram muito mais acessíveis à religiosidade já existente, há séculos, do povo brasileiro, e com ela interagiram e se entrelaçaram rapidamente.

Outras igrejas protestantes, de data mais recente do que as anteriores nasceram em território brasileiro sob uma liderança nacional, independência financeira e treinamento próprio. Totalmente marcadas pelo Pentecostalismo, elas enfatizam a cura divina, o falar em línguas, a crença em um mundo espiritual e sobrenatural, cultos fervorosos e emotivos, dependência da oração, obediência à Bíblia interpretada ao “pé-da-letra” (leitura literal), com participação aberta às classes populares.

Estas práticas, somadas à frequente origem popular, e à aproximação deliberada das classes populares, pela evangelização, fez com que estas igrejas assimilassem o imaginário religioso brasileiro com muito mais facilidade, afastando-as da doutrina e organização protestante tradicional ou histórica.

Dois características básicas definem a religiosidade tipicamente brasileira:

A crença na providência divina, isto é, a certeza de que o mundo e a vida são dirigidos por Deus, para os católicos e protestantes, ou por deuses e espíritos, para os indígenas e africanos. Assim, tudo encontra explicação e justificativa à luz desta crença.

A crença de que o mundo e os fatos da vida podem ser alterados pela fé na intervenção divina, o que pode ser definido como milagre, considerado uma resposta direta e imediata a qualquer necessidade básica da existência.

Na base comum a estas crenças, está o pensamento religioso que afirma que multidões de espíritos povoam o mundo junto com os seres humanos. A partir dele surgem crenças acerca da alma, do que acontece com as pessoas após a morte, das divindades superiores e dos espíritos

subordinados, resultando em algum tipo de prática religiosa. Esse modo de pensar organiza o mundo e a vida sob o governo de seres pessoais ou forças atuantes.

Seres pessoais são os espíritos separados em *superiores*, os quais existem para além da realidade material das pessoas, e *inferiores*, aqueles que estão mais próximos das pessoas e intervêm na sua realidade material. Fala-se de Deus, mas admite-se a existência e a comunhão dos seres humanos com outros espíritos próximos, como deuses e deusas regionais, fantasmas, mortos, demônios, espíritos maus, santos etc.

Forças atuantes são impessoais e são relacionadas com o destino das pessoas, como a sorte, o destino ou forças que têm o poder de decidir o que vai acontecer com alguém. Outras forças podem entrar em contato com as pessoas durante a sua existência e podem ser manipuladas em favor ou contra elas, como: astros, amuletos, talismãs, magia, feitiços etc.

Tanto em um caso como no outro, a existência das pessoas está ligada a esses *seres e forças*, onde procuram soluções para as doenças, fome, futuro incerto, direção em decisões, sorte no amor, como lidar com os espíritos. As pessoas tentam conquistar o favor de seres pessoais ou de forças atuantes, a fim de conseguir algum benefício próprio, imediato e particular, para si mesmas.

Sendo ativamente religioso, o povo brasileiro convive, não tão tranquilamente, com o imaginário religioso acima. Considerando-se cristão, pela catequese e batismo católico ou protestante, ele ultrapassa o Cristianismo que recebeu, estendendo-se para além dos atos religiosos apoiados pela doutrina e organização religiosa cristã, das quais vai se distanciando pouco a pouco, na medida em que o envolvem outras crenças ou práticas religiosas.

Assim, o brasileiro religioso começa participando dos atos considerados cristãos como o batismo e a frequência a uma igreja cristã. Ele mantém esse vínculo por toda a vida, quando comemora seus aniversários, se casa e introduz seus filhos à mesma participação religiosa.

Mas, é muito comum que ele também mantenha crenças e práticas religiosas não apoiadas oficialmente pelo Cristianismo, como: recorrer a benzedeadas, no caso dos católicos, ou a curandeiros e profetas, no caso dos pentecostais. Esses limites, ainda dentro do Cristianismo, são ultrapassados quando o brasileiro religioso procura os pajés, mães e pais de santo ou médiuns espíritas em busca de orientação e socorro.

À parte do respaldo ou não do Cristianismo organizado, o povo brasileiro participa, ativamente, em atos votivos a fim de obter vantagens particulares, chamadas bênçãos divinas. Estas são buscadas por meio de sacrifícios, mais exigentes quanto mais difíceis são as bênçãos a se obter. O sacrifício pode ser oferecido a Deus, no caso de protestantes, a Maria ou a um santo, no caso de católicos. De novo, esta prática vai além do Cristianismo organizado, para se estender às oferendas aos deuses e espíritos da natureza apresentados pela religiosidade indígena e africana.

Não é simples a convivência do Cristianismo organizado e oficial com as crenças e práticas religiosas do povo brasileiro. De fato, muitas crenças e práticas religiosas do povo brasileiro são expressões de um animismo pré-cristão. Algumas destas crenças e práticas se originam em medos infundados, confiança em coisas inúteis e obrigações falsas. Outras instituem mediações inumeráveis. Ainda, outras negam liberdade ao ser humano fazendo-o presa do fatalismo, da passividade e da resignação, com o agravante de pretender dominar a Deus e utilizá-lo para fins particulares e egoístas.

Crenças e práticas religiosas cristãs são misturadas, facilmente, às formas não cristãs de religiosidade, como a indígena e africana, resultando quase uma nova religião, mesclada com elementos indígenas-cristãos (danças, festas, divindades, sacrifícios e oferendas, típicas de uma religiosidade indígena, que acompanham a fé cristã de boa parte do povo brasileiro);

e elementos africanos-cristãos (a identificação e assimilação dos personagens bíblicos e cristãos com divindades africanas).

Contudo, não se pode desprezar e rejeitar, sem mais nem menos, a vocação religiosa do povo brasileiro como anticristã, como se o povo brasileiro fosse pagão. Esta vocação religiosa conserva valores evangélicos que podem ser usados como ponto de partida para evangelização do povo brasileiro. Alguns exemplos são enumerados a seguir.

Difícilmente se encontrará alguém, no povo brasileiro, que rejeite a fé em Deus, na Bíblia ou em Jesus Cristo. O longo processo de assimilação da razão moderna em meio à dura vida urbana e industrial manteve imperturbável a vocação religiosa do povo brasileiro, exceto em certas elites intelectuais que se descolaram dessa matriz por influência européia ou norte-americana.

A vocação religiosa do povo brasileiro admite uma finalidade ou propósito para a vida entendido como um desígnio divino. Longe da negação ou da falta de sentido para a história, para o brasileiro religioso existe uma direção divina, ainda que oculta, às vezes, que ele tenta localizar no meio dos acontecimentos.

A percepção de que o mundo sem Deus é caótico e maligno faz com que o brasileiro religioso busque na fé em Deus o fortalecimento de uma sensação de refúgio em meio ao caos desalentador. Isto significa, para ele, a salvação, isto é, uma certeza inexplicável de que as coisas ainda podem ser consertadas e dar certo.

Ter ou pertencer ao Cristianismo organizado e oficial é condição para afirmar as relações familiares, de vizinhança, de afetividade e, até, de nacionalidade. A negação dessa identidade seja por forças seculares, ou por forças cristãs fundamentalistas, não consegue desfazer esse sentimento de pertença do povo brasileiro.

A vocação religiosa do povo brasileiro é a grande fonte de virtudes e de caráter cristão que constrói o seu imaginário virtuoso. Os valores com-

partilhados desde a observação da vida que Jesus viveu, dos demais personagens bíblicos, e dos homens e mulheres santos da fé cristã, estimulam o desejo da semelhança ou fornecem critérios de avaliação e juízo.

A exuberância da criatividade que se manifesta em cada manifestação religiosa do povo brasileiro demonstra a enorme força que sua vocação religiosa imprime sobre sua imaginação. Por meio dela, o brasileiro religioso se enfeita, se expressa, cantando, dançando, orando, gesticulando, ritualizando cada etapa da vida, redesenhando, a cada vez e de novo, a sua fé.

Contrariamente à história de outros povos modernos, para os quais o tema da religião é uma decisão íntima e individual, para o povo brasileiro, ela é um fato coletivo e público. O fato de não se discutir a religião, não quer dizer que ela não seja considerada enquanto prática que se espera e se deseja ver na vida de alguém, inclusive a possibilidade de se tornar mais religioso.

Não se pode falar, portanto, da vocação religiosa do povo brasileiro sem referência à evangelização católica que a fundamentou em um Deus cuja ação se desenvolve no meio de uma terra a conquistar, cujo favor era vital para alcançar esse objetivo.

Nesta terra, porém, o temor a Deus se misturava aos temores aos espíritos de povos indígenas e africanos, requerendo que a fé em Deus fosse suplicada a cada metro que se avançava enquanto se esforçavam, ao mesmo tempo, por não desafiar desnecessariamente esses hostis espíritos desconhecidos.

É possível que a aparente ambiguidade da vocação religiosa do povo brasileiro tenha origem em uma experiência da realidade que ele não consegue dominar por completo, precisando, para tal, de salvação para além dos recursos com os quais pode contar em apenas uma manifestação religiosa.

Longe dos possíveis efeitos negativos causados pela consolidação desta vocação religiosa do povo brasileiro, muitas são as possibilidades

que permitem outra evangelização, de caráter contextual e integral. Antes disto, porém, é preciso descrever as fontes religiosas que contribuem com os seus elementos distintos para a vocação religiosa do povo brasileiro.

## **2 OS MOVIMENTOS PENTECOSTAIS RECENTES E A VOCAÇÃO RELIGIOSA DO POVO BRASILEIRO**

Dentre as numerosas e variadas formas em que o Pentecostalismo aparece no Brasil, tem-se um Pentecostalismo recente ou contemporâneo, de caráter massivo e popular, sem sistema doutrinário definido, e que nem sempre opera dentro de uma organização eclesiástica denominacional. Por isso o caráter de movimentos, sustentados e dirigidos por líderes que os constituem por meio de uma evangelização agressiva. Eles são ideais para se perceber a assimilação da vocação religiosa do povo brasileiro da parte de certa variação do Protestantismo.

Ao assumir a vocação religiosa do povo brasileiro, esses movimentos pentecostais contemporâneos evangelizam desde uma identidade cultural já estabelecida, sendo necessários apenas ajustes e acomodações, tornando-se parte da cultura do povo.

Os movimentos pentecostais recentes são populares devido à sua acomodação à vocação religiosa do povo brasileiro. A música usa ritmos e estilos populares; há uma resposta imediata e concreta às necessidades das pessoas; a oração trata de problemas do cotidiano; a pregação usa uma linguagem e temas que falam ao que lhes é comum; o testemunho pessoal dos milagres e bênçãos traz Deus para dentro da realidade; a guerra espiritual entre Deus e o poder de Satanás e seus demônios favorece a compreensão do mundo como dividido entre o bem e o mal; há um caráter festivo em seus cultos, com luzes, cores, postos de vendas de literatura evangélica e salgados com refrigerantes.

Há uma tematização do poder como estratégia e metodologia de

evangelismo e missão. Não basta pregar a Palavra, ela precisa se tornar evidente por meio de milagres. Estes autenticam e dão credibilidade ao Evangelho, demonstrando seu poder.

A pregação do Evangelho não é apenas o anúncio da mensagem que Deus salva em Jesus Cristo, mas uma verdadeira confrontação com as forças de Satanás e seus demônios. O objetivo do testemunho cristão é que a pessoa seja liberta de Satanás e suas consequências, e não que apenas conheça a Palavra, criando uma identidade cristã vitoriosa sobre o diabo e o pecado.

Os movimentos pentecostais recentes têm contribuído para o recente crescimento explosivo das igrejas protestantes e católicas no Brasil. Boa parte dos evangelizados nestes movimentos pentecostais caminham para as igrejas protestantes e pentecostais tradicionais, quando se cansam ou se decepcionam com as fórmulas repetitivas neles praticadas. Ou reforçam a sua tradição católica, cujo Catolicismo oficial procura se beneficiar das próprias fórmulas, que são suas, para criar um vínculo popular com suas massas de crentes, uma vez que não conta mais com a teologia da libertação para realizar esse serviço.

Contudo, quanto aos movimentos pentecostais recentes ficam questões preocupantes por resolver. A evangelização é superficial, produzindo debilidade ética, carência de formação cristã integral, falta de líderes preparados bíblica e teologicamente, impossibilidade de acompanhar o ritmo de crescimento, surgimento de doutrinas pouco ligadas a um ensino evangélico da fé.

O futuro desses movimentos pentecostais recentes é imprevisível. Eles podem se acomodar de tal modo à vocação religiosa do povo brasileiro que perderão sua identidade protestante e pentecostal; podem gerar um enchimento das outras igrejas protestantes, pentecostais e católicas, transferindo-lhes a responsabilidade pelo cuidado das pessoas; podem corrigir-se e estabelecer igrejas fortes e duradouras; ou podem extinguir-se ou

multiplicar a fragmentação já existente entre as igrejas protestantes e pentecostais nos dias de hoje.

Existe a tendência para a centralização e concentração da autoridade sob um líder. Este começa a igreja sem qualquer vínculo eclesiástico, com recursos próprios e poucos seguidores. Depois, consegue montar uma estrutura invejável, mas permanece com a concentração da estrutura em si mesmo, de modo que a igreja é inconfundível por causa da sua presença e influência. Dependendo do seu caráter e equilíbrio, o movimento pode cair num culto à sua personalidade ou desprender-se para se constituir uma igreja com autonomia.

O Catolicismo oficial, e as igrejas protestantes e pentecostais mais antigas, tratam com desconfiança esses movimentos pentecostais contemporâneos. Estes, por sua vez, tendem ao retraimento e rejeição do diálogo e convivência com aquelas. Tais manifestações de rejeição mútua pouco ajudam a estabelecer um ambiente comum no qual se respire o mesmo ar e se procurem soluções comuns de convivência e respeito mútuos.

Os movimentos pentecostais recentes são diferentes dos protestantismos e pentecostalismos oficiais estabelecidos na sociedade brasileira, porque se acomodam à vocação religiosa do povo brasileiro, como nenhum deles fez, até então. Aqueles devem muito às suas igrejas de origem, cuja vocação religiosa foi constituída em outro lugar, estrangeiro à história do povo brasileiro.

Como acomodação à vocação religiosa do povo brasileiro, os movimentos pentecostais recentes colocam uma séria interrogação missiológica: até que ponto eles não demonstram uma legítima encarnação do Evangelho, demonstrada na resposta tão espontânea do povo brasileiro?

Esses movimentos pentecostais recentes ainda não esgotaram a sua capacidade de se dirigir e impactar o povo brasileiro. Nos últimos dez anos, e apesar de todo o esforço empreendido pelas igrejas protestantes,

pentecostais e católicas estabelecidas, eles se consolidaram e criaram seu lugar junto ao imaginário da vocação religiosa do povo brasileiro, incorporando-se à sua própria identidade religiosa.

Estas duas questões exigem séria reflexão acerca do *abrasileiramento* destes protestantismos, pentecostalismos e catolicismos mais antigos. É o que se propõe na terceira parte, a seguir.

### **3 A EVANGELIZAÇÃO CONTEXTUAL A PARTIR DA VOCAÇÃO RELIGIOSA DO POVO BRASILEIRO**

Esta última parte se inicia com uma reflexão bíblica e teológica, seguida da missão de evangelização a partir da vocação religiosa do Povo brasileiro, e conclui com algumas propostas para a elaboração de uma evangelização contextual.

A visão de uma realidade bidimensional feita de mundo natural e mundo sobrenatural, coisas visíveis e in-visíveis, materiais e i-materiais, paralelas, porém integradas e entrelaçadas uma à outra, faz parte do ensino bíblico acerca da origem de tudo em Deus e da relação mesma de Deus com a sua criação.

Segundo o texto bíblico, Deus não somente criou o universo natural (Gênesis 1:1; Hebreus 1:2; 11:3), como se distinguiu de sua criação existindo ao lado, para além e para dentro da sua criação (Salmo 90:2; Atos 17:24-28). A partir do existir de Deus numa realidade que não a natural, visível e material, surge outra realidade que passa a existir ao lado e entrelaçada a esta, sobrenatural, in-visível e i-material.

É comum referir aos três nomes atribuídos a Deus, nas Escrituras, para ressaltar o seu caráter distinto, porém entrelaçado à sua criação.

Deus é o Santo (Isaías 6:1-7). Está separado e ultrapassa o mundo da natureza e dos homens em seu caráter e perfeição. Qualquer coisa na

criação que entra em contato com Deus é tornado sagrado, sejam lugares, animais, objetos, alimentos e pessoas.

Deus é o Todo-Poderoso (Gênesis 17:1). Agindo desde fora para dentro de sua criação, Deus tem a capacidade de dominar a natureza e os homens, subjugar-los e levar adiante os seus propósitos.

Deus é o Invisível e o Imaterial (1 Timóteo 1:17). Não há forma natural ou humana que possa apreender a Deus, que é totalmente independente, em existir e agir, de qualquer limite natural ou humano a um grau que jamais será imaginado.

Assim, separado da ordem natural, visível e material da realidade, Todo-Poderoso para dominá-la, inacessível a qualquer forma ou expressão natural, e completamente livre de suas leis e limites, Deus aparece como a Outra Face da realidade, na qual os seres humanos nascem, vivem e experimentam igualmente à realidade física.

Esta Outra Face da realidade traz consigo toda uma ordem de existência explicada como sobrenatural, invisível e imaterial. As Escrituras afirmam que Deus é Pai dos espíritos, tanto aquele espírito que habita o homem quanto aqueles que habitam o universo (Hebreus 12:9).

Desde os antigos tempos bíblicos, crê-se que Deus possui uma coorte plena de seres espirituais por ele criados e que estão a seu dispor para cumprir seus desígnios em relação à sua criação. Deus é o Senhor dos Exércitos (Salmo 84:1) e estes o adoram (Neemias 9:6; Salmo 104:4; Hebreus 1:7,14).

Desde sua coorte, Deus atua no mundo natural e humano por seus agentes. Mas, frequentemente, ele mesmo se apresenta intervindo em situações críticas em favor de algumas pessoas (Gênesis 12:1,4) ou do seu povo (2 Reis 19:6,7); falando aos homens por profeta, visão, sonho, ou boca a boca (Números 12:6-8); deixando-se ver em aparições (Êxodo 3:2-6); manipulando fenômenos da natureza (1 Reis 18:36-39).

As intervenções de Deus são frequentes no tempo de Jesus Cristo e da Igreja, como: visitas de anjos (Lucas 1:26; Atos 10:3); sonhos (Mateus 1:20); visões (Atos 10:10); profecias (Atos 21:19,11); e aparições de Jesus Cristo (Atos 9:3-6).

A intervenção máxima afirma a aparição da Palavra em Jesus Cristo (João 1:1,14), ou do Filho, o resplendor da glória e expressão exata do ser de Deus (Hebreus 1:3). Ele é a imagem visível do Deus invisível, tendo o primeiro lugar em referência a tudo que foi criado. Nesta criação são incluídas todas as coisas “... nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Colossenses 1:15,16).

Esta criação espiritual ocupa um espaço, os *ares celestiais* (Efésios 1:3; 2:2,6; 3:10; 6:12), entre o céu, lugar da habitação de Deus, e a terra, lugar da habitação dos seres humanos. Nele, ou através dele, transitam os mensageiros de Deus, satanás e suas hostes de demônios e, também, por onde desceu e subiu Jesus Cristo aos céus.

Os *ares celestiais* são uma dimensão da criação diferente daquela natural, visível e material. Nesta dimensão, satanás exerce sua autoridade ou capacidade de agir, juntamente ou manipulando uma infinidade de outras autoridades (Efésios 1:21), em íntima relação com os seres humanos e a ordem natural, a fim de conduzir os filhos da desobediência, fazendo-os escravos da carne e dos pensamentos (Efésios 2:2,3).

A grande declaração da carta aos Efésios é que Jesus Cristo, por sua morte e ressurreição, recebeu de Deus Pai autoridade maior que a desses seres de modo a anular sua autoridade e, conseqüentemente, suas atividades (Efésios 1:20,21). A continuidade das declarações é que a Igreja é herdeira e compartilha da posição de Jesus Cristo (Efésios 1:3; 2:1-10).

A Igreja ocupa lugar especial nesta criação espiritual, pois foi abençoada em Jesus Cristo com bênçãos espirituais destinadas a ela antes da fundação do mundo. Foi-lhe dado existir para habitação e selo de um renascimento no Espírito, tornando-se corpo sobrenatural, invisível e imaterial daquele que tem a dupla dimensão da realidade entrelaçada em si mesmo: Jesus Cristo (Efésios 1:3,4,13,22,23).

Antes conduzida e influenciada pelas autoridades que agiam na e a partir desta dimensão da realidade, agora, em Jesus Cristo, a Igreja passa a conduzir e influenciar essas autoridades pela fé que possui em Jesus Cristo e pelas obras que pratica.

Aos seres humanos cabe existir em uma dupla dimensão da realidade. Entrelaçados, como estão, o natural e o sobrenatural, o visível e o invisível, o material e o imaterial, em certo nível de sua personalidade o ser humano se torna sensível e receptivo a ambas as dimensões, consciente disto ou não.

O ser humano está no centro de um grande conflito de experiência e conhecimento, totalmente envolvido por ele devido à sua capacidade natural. Conforme Efésios, ou ele manifestará a sabedoria de Deus (Efésios 3:10), ou manifestará a ira e iniquidade de satanás (Efésios 2:20). A indiferença é uma impossibilidade, natural e sobrenatural.

Desde a reflexão bíblica e teológica acima, a primeira pergunta a ser respondida é se a vocação religiosa do Povo brasileiro é compatível ou não com esta visão das Escrituras, e se ela favorece a sua evangelização.

Quanto à primeira questão, a vocação religiosa do Povo brasileiro se baseia numa convicção e abertura para Deus, que traz consigo o reconhecimento e relacionamento entre as dimensões natural e sobrenatural da existência no mundo como parte da realidade de Deus.

O ponto forte dessa vocação pode ser também o ponto fraco. A informação sobre Deus pode ser tão superficial que é necessário começar

desde o princípio das Escrituras para falar a seu respeito. A abertura para o sobrenatural possui uma infinidade de mediadores que devem ceder espaço ao único Mediador, Jesus Cristo. Os elementos, conceitos e personagens da fé cristã são mesclados com compreensões extraídas de outras influências religiosas que exigem uma depuração ou correção para incluir o senhorio de Jesus Cristo.

Normalmente, as duas dimensões da realidade, natural e sobrenatural, são experimentadas ao mesmo tempo, mas, no processo formal da evangelização, fala-se delas como se estivessem separadas em duas realidades distintas.

Isto gera posições ambíguas na evangelização. Ora, a dimensão natural é aceita e rejeita-se ou racionaliza-se a dimensão sobrenatural. Ora, confunde-se a dimensão natural e a dimensão sobrenatural. Ora, rejeita-se a dimensão natural e mistifica-se a dimensão sobrenatural. Na evangelização, ambas as dimensões deveriam ser igualmente experimentadas, do mesmo modo que o Povo brasileiro as percebe de modo conjunto.

Por consequência, a evangelização não deve menosprezar as crenças e práticas religiosas do Povo brasileiro. Ao contrário, deve levá-las a sério seja qual for o seu revestimento cultural. As crenças em espíritos bons e maus que atuam na natureza ou no universo, na sobrevivência da alma, em divindades e cultos de outras religiões, possuem, às vezes, gerações. Simplesmente zombar delas não irá apagá-las.

O Espírito Santo é o Agente sobrenatural que, segundo as Escrituras, orienta e organiza a evangelização. É necessário falar sobre ele, ensinar como age, orientar quanto à dependência dele e acerca da sua presença na dimensão natural, incluída a vida humana.

Segundo a vocação religiosa do Povo brasileiro, os agentes sobrenaturais estão por toda parte. A evangelização deve aprender a lidar com

eles, não aceitando-os ou administrando-os como se fossem parte de uma mentalidade infantil e supersticiosa pré-civilizatória iluminada.

O discernimento e o teste dos espíritos são fundamentais na evangelização que leva a sério a vocação religiosa do Povo brasileiro. A evangelização deve começar com o estudo e uso das Escrituras orientado pelo Espírito de Deus, e prosseguir para o uso e exercício dos dons espirituais como parte necessária desta.

Quanto à segunda questão, um caminho a percorrer é integrar as duas dimensões da criação, incluindo a existência real de um mundo sobrenatural, invisível e imaterial.

A vocação religiosa do Povo brasileiro integra vida e religião. O que pode parecer, à primeira vista, egoísmo, na verdade é uma visão da existência onde a causa e a resposta a todas as questões da vida estão ligadas a Deus ou a uma série de explicações religiosas. Os praticantes desta religiosidade estão muito mais preocupados em viver bem o presente enquanto aguardam o futuro. Por outro lado, quando as coisas no presente vão mal, há a tendência para usar a religião como fuga para escapar das pressões e decepções, aceitando-o como ruim e depositando toda a esperança no futuro. As necessidades básicas para viver devem ser respondidas pela evangelização ou ela não fará sentido algum.

A vocação religiosa do Povo brasileiro o torna muito sensível à solidariedade e integração coletiva. Há pouco espaço para atos religiosos individuais. Normalmente, as práticas religiosas são coletivas tendo seu clímax em alguma atividade festiva. Nelas, conhece-se a vida dos outros e as necessidades são expostas sem nenhuma vergonha de apresentá-las. Os resultados e as graças alcançadas são testemunhados publicamente e celebra-se o favor adquirido conjuntamente. Por outro lado, o peso de uma decisão individual que contrarie o grupo é muito forte deixando a pessoa pouco à vontade para tomá-la.

Praticamente, fora do grupo e das práticas coletivas, há pouco espaço para se cultivar uma vida religiosa individual.

As estratégias e métodos de evangelização devem considerar a cultura simbólica e oral, dramática e pictorial que caracteriza a vocação religiosa do Povo brasileiro. Desenhos, flores, quadros, imagens, figuras, dramas devem ter um papel importante nas estratégias de evangelização. A pregação deve ser espontânea e narrativa, com maior ênfase no testemunho e na experiência, que na explicação e doutrina.

A evangelização deve desenvolver o caráter comunitário, coletivo e associativo dos relacionamentos. Uma decisão só deve ser exigida se a pessoa se sente à vontade em relação à sua comunidade para tomá-la. De preferência, deve-se aguardar até que um bom número dentro dela esteja pronto para fazê-la. O grupo não deve ser removido para uma igreja fora do local onde a comunidade mora. Deve-se começar uma igreja no próprio lugar e manter um forte vínculo com o lugar. Não se deve isolar o evangelizado do restante da família ou da comunidade, antes, deve-se incentivá-lo a prosseguir sua vida comum com a qual estava acostumado.

A evangelização deve partir dos problemas da vida demonstrando o evangelho como solução para todos eles. Neste caso, a evangelização trabalha desde as necessidades físicas e materiais do evangelizando, e não sobre complicadas questões de doutrina, de filosofia ou da vida após a morte. Deve demonstrar que o Evangelho beneficia realmente a pessoa e que ela melhora de vida ao aceitá-lo, o que é inteiramente verdadeiro. Tendo as necessidades imediatas satisfeitas, pode-se apresentar o Evangelho para satisfação das demais necessidades, que, só então, virão à superfície.

A evangelização deve estilizar o culto como uma festa, uma comemoração, uma dramatização. Cultos com muita música e ritmos populares, testemunhos, orações e manifestações do Espírito Santo, uso

de apresentação de crianças, apelos, imposição de mãos, batismo e Ceia do Senhor dramatizados, dentre outros motivos para celebrações, são fundamentais.

A evangelização deve considerar o elemento devocional como o ponto forte para efetivar e manter os resultados. Orações em suas diversas maneiras, jejuns, vigílias, períodos de devoção, práticas de devoção, são uma constante na vocação religiosa do Povo brasileiro. A evangelização histórica do Povo brasileiro o forçou a abandonar sua devoção católica ou afro-indígena, nada lhes oferecendo no lugar, deixando um grande vazio emocional, por vezes restando uma esterilidade da letra. A vida devocional deve ser preservada na evangelização a qualquer preço.

A evangelização deve considerar o caráter popular da vocação religiosa do Povo brasileiro, o qual, da perspectiva das classes mais cultas da sociedade brasileira, é abarrotado de crenças e práticas religiosas consideradas atraso cultural, abomináveis credences e superstições. A evangelização cristã histórica entendeu sua tarefa como erradicar essas crenças e práticas, como uma libertação das trevas.

A evangelização, assim efetuada, fortalece o preconceito e a exclusão social, numa pérfida junção de economia e religião, visto que nega às classes ditas populares sequer o direito a manifestar características próprias da vocação religiosa do Povo brasileiro. A evangelização integral envolve a luta pela concessão desse direito de cidadania juntamente com os demais direitos fundamentais, edificando uma igreja evangélica popular.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As bases da vocação religiosa do Povo brasileiro remontam à colonização e consolidação das múltiplas experiências religiosas de colonizadores portugueses, indígenas da terra e escravos africanos. Bem mais tarde chegou o Protestantismo, com uma experiência religiosa estranha àquelas

já existentes que, dificultou a inserção de suas características a esta vocação religiosa, a qual vem ocorrendo bem recentemente.

A evangelização contextual a partir da vocação religiosa do Povo brasileiro é legítima, do ponto de vista de que o Evangelho é para todos, portanto, não deveria ser seletivo no seu anúncio. Ainda, funciona como movimento de inclusão social e cultural em um projeto brasileiro de nação. Todavia, ela precisa ser transformada por uma teologia bíblica e por uma prática contextual que a legitime como autêntica contribuição evangélica para a vocação religiosa do Povo brasileiro.

A evangelização, medida por estes dois critérios, não é simples, muito menos de fácil aplicação. Ela requer, preliminarmente, que se superem algumas posturas quanto à vocação religiosa do Povo brasileiro.

A primeira mudança de postura é de natureza histórica. Muito do que os evangélicos acham necessário à evangelização do Povo brasileiro, não fez e não faz a menor diferença do ponto-de-vista da sua vocação religiosa.

A segunda postura é de natureza cultural. O Povo brasileiro já possui inúmeras formas para expressar a sua religiosidade. Por serem estas formas culturais por demais materiais, simbólicas e afetivas, a evangelização deve utilizá-las, sem criar grandes empecilhos à sua permanência entre os evangelizados.

A terceira postura é de natureza social. Esta diz respeito aos participantes da matriz religiosa cristã entre os quais ela se faz mais presente, quase intuitivamente, que são as camadas mais simples da sociedade brasileira.

A quarta postura é de natureza teológica. Que tipo de teologia bíblica libertaria a evangelização de modo que esta atendesse à vocação religiosa do Povo brasileiro? Qualquer teologia é discurso humano que tende a contextualizar-se histórica, cultural e socialmente. Se ela for crítica de seu próprio discurso, a teologia poderá ser voz da vocação religiosa do Povo

brasileiro, na medida em que se aproxima de sua categoria fundamental de comunicação: a narração. Contar sobre Deus, experiência humana imediata do Povo brasileiro, aproxima-o do povo da Bíblia, gerando uma teologia evangélica popular e brasileira.